

PROVA DE INGRESSO PARA ESTUDANTE INTERNACIONAL

HISTÓRIA

(PROVA TIPO)

Tempo de realização da prova – 1h30min
(Tolerância: 30 minutos)

Instruções:

A prova é constituída por quatro grupos. Cada um deles integra uma fonte e duas questões.

Deverá responder a dois grupos completos.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item de cada questão.

Apresente as suas respostas de forma legível.

As cotações encontram-se no final do enunciado da prova.

Boa prova!

Grupo 1

Os representantes de uma nação são cidadãos escolhidos que [...] estão encarregados pela sociedade de falar em seu nome, de estipular os seus interesses, de impedir que a oprimam, de contribuir para a administração. [...] Sob o governo feudal, a nobreza e o clero tiveram durante muito tempo o direito exclusivo de falar em nome de toda a nação, ou de serem os seus únicos representantes. O povo, formado [...] pela parte mais numerosa, mais trabalhadora e mais útil da sociedade, não tinha por si o direito de falar; foi forçado a receber, sem murmurar, as leis que alguns grandes combinaram com o soberano. [...] Só depois de os reis terem suportado durante muito tempo os excessos de uma nobreza arrogante e as iniciativas de um clero muito rico e independente, deram alguma influência à nação nas assembleias que decidiram do seu destino. [...] Precisou-se de leis [...]. Só gradual e muito lentamente é que os governos ganharam estabilidade; baseados inicialmente na força, só se podem manter assentes em leis justas que assegurem as propriedades e os direitos de cada cidadão, e que os defendam da opressão; [...] não pode haver sociedade duradoura se os direitos de cada um não forem protegidos do poder que quer sempre abusar; esteja em que mãos estiver, o poder torna-se funesto se não estiver bem limitado [...]. Um monarca não pode usufruir de um verdadeiro poder se não governa súbditos felizes e voluntariamente unidos; para que o sejam, é preciso [...] nunca sacrificar os interesses de todos aos de uma minoria e dar atenção às necessidades de todas as ordens. Nenhum homem é capaz, sem conselhos, sem auxílio, de governar uma nação inteira; nenhuma ordem no Estado pode ter a capacidade de conhecer as necessidades dos outros; por isso o soberano deve ouvir todos os súbditos [...]; mas para que os súbditos se expliquem sem tumulto, convém

que tenham representantes, ou seja, cidadãos mais esclarecidos que os outros, cujas posses os liguem à pátria, cuja posição os coloque em situação de sentir as necessidades do Estado. [...] Os representantes garantem o respeito pelo povo de quem deriva o seu poder [...] e [cujos] direitos são direitos da nação, imprescritíveis e inalienáveis; por menos atenção que se dê à razão, ela provará facilmente que o povo pode [...] destituir os representantes que o traíam, que abusem dos seus poderes.

Paul-Henri Thiry, barão d'Holbach, «Representantes», in A Enciclopédia – Textos Escolhidos, Lisboa, Editorial Estampa, 1974, pp. 169-175. (adaptado)

1.I. – Defina Iluminismo, tendo em conta o pensamento de d'Holbach expresso no texto.

1.II. – Discuta a ideia de Estado Constitucional e de Cidadania, subjacentes às primeiras revoluções contemporâneas.

Grupo 2

Petição dos trabalhadores das manufaturas têxteis de Leeds, na Inglaterra, aos fabricantes e aos mercadores de tecidos (1786)

Está demonstrado que as máquinas de cardar têm lançado no desemprego milhares destes peticionários, [...] deixando-os incapazes de sustentar as suas famílias [...]. [...] O número de máquinas de cardar que existem [...] a sudoeste de Leeds é inacreditável, não sendo inferior a cento e setenta! E como cada máquina pode fazer, em doze horas, o mesmo trabalho feito manualmente por dez homens [...], uma máquina fará num dia o equivalente ao trabalho de vinte homens. [...] De modo que, [...] por cada máquina de cardar, doze homens são lançados no desemprego. [...] Mas isto não é tudo; o estrago nos panos é grande, porque na tecelagem, em vez de deixar uma lanugem, o fio de lã é repuxado e o pano fica danificado. Poderíamos enumerar muitos outros males [...]: uma consequência será o despovoamento; o comércio perder-se-á então; os agricultores não terão outra satisfação que a de serem devorados em último lugar. [...] Como vão estes homens [...] sustentar as suas famílias? Em que ofícios vão colocar os seus filhos como aprendizes para que a nova geração esteja ocupada a trabalhar e não se comportem como vagabundos, andando por aí na ociosidade? Alguns dirão, recomecem e aprendam outro ofício. [...] Mas, quando o tivermos aprendido, como saberemos se ficaremos melhor [...], pois durante o tempo da nossa segunda aprendizagem poderá aparecer outra máquina que nos prive também desse ofício. Pelo que as nossas famílias, a definharem enquanto aprendíamos como lhes providenciar alimento, finam-se durante a nossa terceira aprendizagem. Mas e que farão os nossos filhos? [...] Na verdade, como as coisas estão, não é de admirar ouvir-se falar em tantas execuções. Da nossa parte, [...] pensamos que instruir os filhos numa vida de trabalho e mantê-los ocupados é a melhor maneira de evitar que caiam no crime, a que os hábitos ociosos naturalmente conduzem.

James L. Outman, Industrial Revolution. Primary sources, Farmington Hills, The Gale Group, 2003, pp. 57-59. (traduzido e adaptado)

2.I. – Analise o texto, tendo subjacente o ceticismo dos operários ingleses do século XVIII face às inovações tecnológicas referidas.

2.II. - Elabore uma síntese sobre os impactos sociais e económicos da primeira Revolução Industrial, com o apoio da fonte.

Grupo 3

A vida modificou-se nos últimos vinte anos [1900 – 1920], primeiro com lentidão e, depois da guerra, num tropel que mete medo. Ninguém pensa hoje como ontem. [...] Só uma diretriz se marca cada vez mais fundo – enriquecer e gozar. [...] A vida de família, como nós ainda a compreendemos, já se transformou. A família dissolve-se. [...] A vida mudou de direção. É o bolchevismo que aí vem? [...] O ideal da vida já não é o mesmo ideal. [...] Todas as consciências se modificaram. [...] Nunca as mulheres se despiram como agora, com colares que valem uma fortuna. [...] Num espaço de quinhentos metros, pelo princípio da Avenida, há vinte, trinta casas de jogo toda a noite abertas. [...] Todos caminhamos com febre – a febre de quem não confia no dia de amanhã. O dia de amanhã talvez não exista [...].

Toda a gente enriquece dum dia para o outro e toda a gente gasta, gasta, gasta. [...] O jogo tomou uma importância capital nesta sociedade que se dissolve – a vida é uma roleta. [...] Sinto que todos os laços que outrora me prendiam à vida se quebraram, a ponto de ficar desamparado. [...] Essa sociedade anticristã que aí está, não merece ser poupada: não só não crê em Deus, como só crê na matéria e no gozo. [...] Mas não foi só a guerra. [...] Foi a morte que se aproximou de repente de nós todos [...]. A morte passou para o primeiro plano. [...] Juntem a isto a influência da máquina – aeroplano e auto –, a do desporto e do cinema. [...] Tanto como a guerra, mais talvez que a guerra, foram as máquinas que transformaram a nossa vida...

Houve um momento, quase a seguir à guerra, em que, pelo aumento do preço das coisas, a vida se tornou difícil para os jornaleiros. [...] Os jornaleiros começaram a olhar com desconfiança os ricos. Pulularam as fábricas, que influíram [...] na propaganda do ódio contra a classe exploradora. [...] Lá vão, e isto dum dia para o outro, as bases duma existência que parecia indestrutível [...]. [São] as filhas e as netas que estavam no costume de se guardar intactas para o casamento e que se escapulem para o pagode. [...] O pecado sexual já não é pecado. [...] As que vêm agora para a vida ainda vão às igrejas [...], mas [...] não resistem às tentações e entendem que não vale a pena resistir.

Raul Brandão, *Memórias*. Três volumes reunidos, Lisboa, Quetzal Editores, 2017, pp. 491-499.
(adaptado)

3.I. - Comente o texto, tendo em conta o impacto da industrialização e da I Guerra Mundial nas sociedades ocidentais, durante as primeiras décadas do século XX.

3.II. – Enquadre a ascensão de movimentos políticos autoritários na Europa de entre guerras, relacionando-a com o contexto de crise económica e social referido no texto de Raúl Brandão.

Grupo 4

O nosso Movimento pode orgulhar-se de se ter estruturado do Norte ao Sul do País, englobando todas as classes e todas as camadas sociais, numa união fraternal de luta pela independência e pela dignidade. [...] O apoio do exterior é um factor importante na nossa luta. Nos últimos anos a base de apoio internacional à luta do nosso povo alargou-se consideravelmente. Praticando uma política independente, o nosso movimento não se subordina à política de um ou outro país ou bloco. [...] Assim, a manutenção de relações de amizade com a União Soviética, a China, a Jugoslávia, a Suécia ou a Holanda não significa que o MPLA alinha mecanicamente a sua política ou a sua ideologia com um destes países [...]. Não podemos deixar de considerar como propaganda para enganar o nosso povo a campanha do inimigo e dos seus lacaios, pretendendo que o MPLA seja uma organização comunista, e apresentando-a umas vezes ligada à União Soviética e outras à China.

Discurso de Agostinho Neto, presidente do MPLA (Angola Information, 10/12/1971, Centro de Documentação 25 de Abril)

4.I. – Integre o texto no panorama geopolítico internacional do pós-II Guerra Mundial.

4.II. – Explique o discurso de Agostinho Neto à luz dos movimentos de libertação nacional dos países africanos colonizados nas décadas de 1960/70.

COTAÇÕES			
Grupo	Item	Parcial	Total
Grupo 1	1.I	50	100
	1.II	50	
Grupo 2	2.I	50	100
	2.II	50	
Grupo 3	3.I	50	100
	3.II	50	
Grupo 4	4.I	50	100
	4.II	50	